



OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

2013: evolução na continuidade

No que se refere ao romance português, o ano de 2013 não avançou nem recuou face às tendências dominantes evidenciadas na primeira década do século: 1) intenso cosmopolitismo nos temas, nos estilos, no léxico; 2) emergência de uma linguagem menos intelectualizada e mais sensual ou, se se quiser, carnal; 3) afirmação de uma pluralidade romanesca desprovida de unidade literária e ideológica.

Neste sentido, nenhum romance publicado em 2013 desarticulou esta tripla configuração estética, evidenciando um elemento de rutura, desestabilizador, sugerindo a necessidade de repensar as tendências dominantes no universo romanesco português. Daí o título deste artigo: “evolução na continuidade”.

Sendo impossível referir todos os romances portugueses publicados no ano transato (cerca de duas centenas), deve relevar-se, em primeiro lugar, a existência de um sólido conjunto de novos autores. Saliento Ana Margarida de Carvalho,

Que Importa a Fúria do Mar, Raquel Freire, *Transiberic Love*, porventura o romance mais carnal de 2013, isto é, com uma linguagem explosivamente sensual, e Bruno Vieira Amaral, *As Primeiras Coisas*, retrato ficcional

do Portugal do último quartel do século XX. De destacar, igualmente, nas estreias, a agilidade sintática do frasear urbano pertinente a este novo século trazido pelos livros de Hugo Gonçalves, *Enquanto Lisboa Arde*, o *Rio de Janeiro Pega Fogo*, Paulo M. Moraes, *Revolução Paraíso*, Pedro Senalino, *Despaís*, e Filipe Homem Fonseca, *Se não Podes Juntar-te a Eles, Vence-os*. Ainda nas estreias, destaque ainda, sobretudo pela estrutura narrativa, *Cinerama Peruana*, de Rodrigo Magalhães, e, pelo nível reflexivo, *A Cura*, de Pedro Eiras.

Em 2012, tinha nascido um grande novo autor, Valério Romão, com *Autismo*; em 2013, com a publicação de *O da Joana*, 2º volume de uma trilogia sobre a maternidade, permanece um grande autor. Manuel da Silva Ramos publicou o que será porventura a sua melhor obra (em conjunto com *Três Vidas ao Espelho*), *Pai, Levanta-te e vem fazer-me um fato de canela*, uma espantosa novela sobre a morte, o luto, a memória e a esperança. Ainda no campo da novela, avultam *Implosão*, de Nuno Júdice, e *A Instalação do Medo*, de Rui Zink, ambas obras de intervenção social, apelando literariamente à memória, à denúncia e à inquietação.

Nos Açores, sobressai a continuidade de estilo e de tema nos novos romances de Pedro Almeida Maia, *Capítulo 41. A Redescoberta da Atlântica*, e Paula de Sousa Lima, *Mas Deus não dá licença que partamos*, autores cuja arte de escrita abre novos horizontes ao romance açoriano, especialmente, sobretudo o primeiro autor, na superação do labirinto de tristeza, saudade e melancolia de que a literatura açoriana tem vivido.

Pela coerência no estilo, 2013 impôs definiti-

vamente a coleção de romances portugueses da editora Abysmo, com a publicação de obras de Rui Vieira (*O Labirinto do Centauro*), António Cabrita (*A Maldição de Ondina*) e Carlos Alberto Machado (*Hipopótamos em Delagoa Bay*).

Reafirmação de uma imaginação infinita posta ao serviço da Literatura, é o que apetece dizer da obra de Afonso Cruz, em especial em *Para onde vão os Guarda-Chuvas* e no 3º volume da *Enciclopédia*, para além da beleza lírica do *Livro do Ano*. Na história da literatura portuguesa recente não existe autor que, sustentado numa poderosa cultura, leve ao limite as estruturas imaginais da criação como Afonso Cruz.

Numa outra perspectiva, Joana Bértholo, com *O Lago Avesso*, reiterou e ampliou, e muito, a mestria que animara os seus dois primeiros livros. Do mesmo modo, sem ruturas, mas amplificando o seu universo literário, Valter Hugo Mãe, em *A Desumanização*, um grande, grande romance, e Gonçalo M. Tavares, em *Animalescos*, uma espantosa síntese tanto do seu estilo quanto da filosofia que anima a sua literatura.

Numa re-estreia (chamemos-lhe assim), após *Niassa*, Francisco Camacho regressou ao romance com *A Última Canção da Noite*. Carlos Campaniço, com *Os Demónios de Álvaro Cobra*, superou em absoluto os seus dois anteriores romances,

vencendo o exigente Prémio Cidade de Almada. E Nuno Camarneiro reafirmou uma escrita profundamente lírica com *Debaixo de Algum Céu*, Prémio Leya 2012. Do mesmo modo, Luís Carmelo, em *A Dobra do Crioulinho*, Manuel Dias Duarte, em *O Professor Simão Botelho*, Fernando Esteves Pinto, em *O Carteiro de Fernando Pessoa*, e Nuno Figueiredo, em *Rendição e Trevas*, reafirmaram as constantes da sua escrita.

No campo do romance histórico, sublinharia A Rocha Branca, de Fernando Campos, um dos seus melhores romances, e *O Exílio do Último Liberal*, de e Sérgio Luís de Carvalho.

Na Madeira, juntando-se a Helena Marques, surgiu um novo escritor, António Breda Carvalho, com o romance histórico *O Fotógrafo da Madeira*.

As obras dos autores veteranos (chamemos-lhe assim), como Rui Nunes, Mário de Carvalho, António Lobo Antunes (publicou novo volume de crónicas, confirmando ser o melhor cronista literário português), Rentes de Carvalho, Manuel Alegre (*É ou não é*), Agustina Bessa-Luís (*Caderno de Significados*), Francisco José Viegas, Helder Macedo, Inês Pedrosa, Filomena Marona Beja, José Eduardo Agualusa, Patrícia Reis, Ana Cristina Silva, Julieta Monginho, Jorge Listopad, Domingos Amaral, Domingos Lobo..., aplica-se em perfeição o título deste artigo.

No que à escrita romanesca diz respeito, Mário Zambujal, Miguel Sousa Tavares e José Rodrigues dos Santos continuam iguais a si próprios.

Surpresa, surpresa, a estreia de Teresa Martins Marques no romance, *A Mulher que Venceu D. Juan*, sobre a violência doméstica, o primeiro romance escrito no Facebook. A exigir um seguimento. **JL**



Valério Romão, Afonso Cruz, Joana Bértholo e Fernando Campos